ISSN: 2358-8829

SUPER PODERES: BRINCADEIRA, INCLUSÃO E O DIREITO À DIGNIDADE NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA NO HALL DO HOSPITAL

Gabriele Cunha da Silva[1]
Joana Darc de Sousa Pinho [2]
Joana D'Arc Sampaio de Souza[3]
Juliana Eugênia Caixeta [4]

INTRODUÇÃO

A experiência de adoecimento, particularmente quando associada a quadros complexos de saúde, pode reorganizar tempos, espaços e relações na vida de crianças e adolescentes (Lino; Jacob; Galheigo, 2021). A necessidade de consultas, procedimentos médico-hospitalares, reabilitação e exames constitui parte da rotina de cuidado, mas não esgota as necessidades de pessoas em desenvolvimento. No hospital, também estão presentes desejos, vínculos, modos de expressão, experiências culturais e possibilidades de brincar. Considerá-los é fundamental para uma abordagem que reconheça a criança e o/a adolescente para além da condição clínica (Diuana; Moreira, 2025).

O hall hospitalar, frequentemente identificado como local de circulação e espera, reúne crianças, adolescentes, familiares e pessoas cuidadoras que aguardam atendimentos diversos. A espera pode produzir desconforto e limitar as oportunidades de participação, mas o próprio espaço pode abrigar práticas educativas intencionalmente organizadas. É nessa possibilidade que se situa a Oficina Super Poderes, realizada no hall de um hospital e vinculada ao esforço de construção de uma cultura brincante, na qual a brincadeira é reconhecida como atividade humana genuína de expressão e de possibilidade de desenvolvimento humano (Vigotski, 1987). O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar a Oficina Super Poderes a partir dos conceitos de inclusão e promoção da dignidade da infância e adolescência em contextos hospitalares.

[1]Graduanda do Curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília- UnB, Gabrielegabicunha@gmail.com ; [2] Licenciada em Ciências da Natureza pela Universidade de Brasília - UnB, jodar1934@gmail.com ; [3] Graduada em Pedagogia, Universidade de Brasília - DF, Mestra em Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília - DF, Doutoranda da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília - DF, joanasouza@unb.br ; 4Graduada em Psicologia. Mestra e Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Professora da Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília - DF , jucaixeta.unb@gmail.com .

ISSN: 2358-8829

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proteção integral de crianças e adolescentes é o dever do Brasil, como nação, e das brasileiras e brasileiros, como povo. O Estatuto da Criança e do Adolescente reconhece o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; inclui, entre os aspectos da liberdade, brincar, praticar esportes e divertir-se, bem como expressar opiniões (Brasil, 1990). A Convenção sobre os Direitos da Criança também reconhece, no artigo 31, o direito ao descanso, ao lazer, ao brincar e à participação em atividades recreativas e culturais (Organização das Nações Unidas, 1989). Esses direitos não desaparecem no contexto hospitalar.

A dignidade, nesse horizonte, não é um resultado que depende do sucesso de uma oficina: trata-se de uma condição inerente aos sujeitos, que deve orientar as práticas institucionais. Assim, ao relacionar brincadeira e promoção da dignidade, a análise se refere à criação de condições concretas de respeito, expressão e participação.

Esse contexto nos remete à Pedagogia da Autonomia, livro no qual Freire (1996) sustenta uma compreensão ética da prática educativa, assentada no respeito aos saberes, à autonomia e à condição histórica dos sujeitos. Embora sua reflexão não tenha sido elaborada especificamente para a infância hospitalizada, oferece fundamentos para reconhecer as crianças e os/as adolescentes como interlocutores/as, com formas próprias de expressar experiências e tomar parte em atividades que lhes dizem respeito.

A Oficina Super Poderes apresenta um convite, e não somente uma tarefa a ser reproduzida: representar-se por uma imagem e indicar uma qualidade. Essa abertura à escolha pode ser examinada à luz da participação defendida em uma perspectiva dialógica. A presença da mediação adulta é relevante, mas não apaga e nem deveria apagar as iniciativas dos/as participantes. Escutar, nesse contexto, significa considerar as escolhas, os gestos, as recusas possíveis e os modos de participação, sem exigir uma única forma considerada correta de produzir o desenho ou a medalha.

Quando atividades educativas, realizadas no hospital, dão voz e vez à crianças e ao/à adolescente, entendemos que se abre uma prática inclusiva (Caixeta *et al.,* 2020), entendida como um processo que: 1º. considera a pessoa na sua existência singular, com suas características individuais e sociais e com sua condição específica de saúde, no contexto hospitalar; 2º. garante a acessibilidade para que cada pessoa participe de forma individual e coletiva, o que implica adequação de tempo, manejo e local e recursos

(Caixeta *et al*., 2025) e 3º. propõe a atuação, que é a ação com sentido para aquela criança/adolescentes que está em participação.

Quando tratamos crianças/adolescentes com deficiências, transtornos e diferentes agravos em saúde, em geral, estamos interagindo com pessoas que têm sofrido com o preconceito e a discriminação. Essa atitude excludente é resultado do processo de estigma, porque a criança e a/o adolescente deixa de ser enxergado/a como uma pessoa humana e passa a ser compreendida, apenas, pela sua doença, que resultou em deficiências, transtornos e/ou em outros agravos em saúde.

Goffman (1988) analisa o estigma como processo social e relacional, em que determinados atributos passam a interferir nas expectativas e nas interações estabelecidas com uma pessoa. Sua contribuição ajuda a problematizar os riscos de uma leitura que identifique crianças e adolescentes exclusivamente pela doença, pelo tratamento ou pelas limitações associadas ao processo de adoecimento.

Uma proposição inclusiva, de promoção da dignidade da infância e da adolescência, no hospital, vislumbra as possibilidades de atuação daquela pessoa, que é singular e que está em pleno desenvolvimento (Sousa; Silva, 2019; Sousa; Silva, 2020).

Caixeta *et al*. (2025) explica que investigações em hall de hospitais têm sido escassas na ciência brasileira. No entanto, percebemos que há um grupo, da Universidade de Brasília, se empenhando em mobilizar recursos humanos e sociais para implementar atividades brincantes nesse espaço, que é de espera e, com bastante frequência, de ansiedade e diferentes expectativas. O grupo denominado Universidade Brincante (UnB, 2024; Souza et al., 2024) criou, inclusive, um projeto de extensão específico para Hospitais: Universidade Brincante no Hall de Hospitais (UnB, 2026). E, foi, nesse projeto de extensão que a Oficina dos Super Poderes foi criada.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa foi a escolhida para esta investigação, porque apresenta um ciclo de pesquisa flexível, necessário ao contexto no qual atuamos: hall do Hospital Beija-Flor e com o público que atuamos (Sampirei; Collado; Lucio, 2013). Minayo (2014) complementa que a pesquisa qualitativa tem foco no estudo das experiências e exige atenção ao contexto e à interpretação dos registros.

ISSN: 2358-8829

Portanto, a perspectiva é pertinente para uma ação realizada no ambiente hospitalar, no qual o brincar conviveu com procedimentos de cuidado, rotinas institucionais e relações entre pessoas de diferentes idades e posições.

Como delineamento da pesquisa qualitativa, utilizamos a Pesquisa-Ação, que é um tipo de pesquisa apropriado para investigações interventivas, na qual, ao mesmo tempo, as profissionais atuaram e estudaram as ações realizadas. Isso porque a Pesquisa-Ação tem um ciclo de pesquisa que perpassa a compreensão do fenômeno da comunidade, que inclui a escuta das demandas; o planejamento da ação, que perpassa a organização do tempo, da preparação de materiais e do tipo de mediação a ser utilizada; a execução, que é a intervenção propriamente dita e o processo avaliativo, que se relaciona à verificação da relação com o objetivo almejado e o alcançado, bem como as adequações, supressões ou inclusões de processos que não tinham sido planejados (Sousa *et al,* 2016; Caixeta *et al.,* 2020).

Como corpus de análise da pesquisa, utilizamos imagens fotográficas e, também, as narrativas das pesquisadoras em seus diários de campo.

A análise utilizada foi a Análise Textual Discursiva, de Moraes e Galiazzi (2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho foi descrever e analisar a Oficina Super Poderes a partir dos conceitos de inclusão e promoção da dignidade da infância e adolescência em contextos hospitalares. Para isso, usamos a Análise Textual Discursiva que gera categorias e, em seguida, um Metatexto (Moraes; Galiazzi, 2003). Assim, vamos apresentar as categorias: i) Oficina dos Super Poderes; ii) Inclusão e iii) Dignidade em contextos hospitalares.

Categoria 1 - Oficina dos Super Poderes

Nesta categoria, apresentamos a descrição da Oficina dos Super Poderes.

A Universidade Brincante tem atuado no Hospital Beija-Flor, nome fictício, desde 2025, com oficinas brincantes que têm o objetivo de reduzir o stress e gerar, no hall do hospital, um ambiente restaurativo, ao invés de aversivo. Ambientes restaurativos são aqueles organizados para reduzir o stress e a fadiga. Eles podem ser naturais ou urbanos (Kaplan; Kaplan, 1986).

Considerando a infância e a adolescência períodos do desenvolvimento humano no qual a pessoa tem a atividade de brincar como privilegiada para sua expressão e

ISSN: 2358-8829

interação social, a Universidade Brincante utiliza de atividades potencialmente lúdicas para que crianças e adolescentes do Hospital Beija Flor exercitem essa atividade enquanto aguardam suas consultas, exames, procedimentos médico-hospitalares e de reabilitação. Assim, já foram ofertadas oficinas de pintura em ecobags; desenhos terapêuticos; massinhas; balões decorativos, entre outras.

No ano de 2026, o Hospital Beija-Flor nos convidou para fazer oficinas temáticas, desde o mês de Fevereiro. Assim, Fevereiro foi o tema Carnaval e, no mês de Março, o Dia Internacional das Mulheres.

Ao conversarmos, em grupo, sobre que atividades desenvolver, uma colega, também estudante da graduação, ligada à militância feminina, Camila Rodrigues, deu a ideia de fazermos algo para que os meninos presentes no Hall do Hospital também fossem envolvidos na celebração de uma maneira especial, ou seja, de forma que eles pudessem perceber que a ação deles ou a omissão deles interfere na existência feminina. Nesse contexto, nossa orientadora sugeriu utilizar medalhas, com frases, do tipo: eu sou um menino que se preocupa com as meninas.

A ideia foi aceita coletivamente e, assim, fizemos a primeira oficina de Medalhas no Hall do Hospital, com o tema Medalha de Menino Gentil com as Meninas. A Oficina foi realizada na Intervenção Dia Internacional das Mulheres. Essa intervenção teve várias atividades que podem ser observadas no quadro 1.

Quadro 1: atividades do Dia Internacional das Mulheres.

Pintura de Rosto – maquiagem para criança de tema feminino.
Distribuição de Presentes para Mulheres da Internação – canetas com folder e cartas para Margaridas.
Distribuição de Presentes para Mulheres no Hall do Hospital – kit de xuxinhas com cartas para Margaridas.
Distribuição de presentes para as Meninas do Hall do Hospital - kit de xuxinhas.
Distribuição de presentes para Meninas sem cabelo no Hall do Hospital – kit de pulseirinhas.
Distribuição de presentes para Meninos no Hall do Hospital – medalha de Menino Gentil com as Meninas.
Produção de Marcador de página – palito de picolé, florzinha de papel, lápis de cor e canetinhas.
Desenhos Terapêuticos – lápis de cor e desenhos impressos com tema feminino.

Fonte: Juliana Eugênia Caixeta (2026).

No dia da intervenção, 06/03/2026, nosso grupo fez as atividades do quadro 1. Inicialmente, nosso plano é que os meninos recebessem as medalhas, por serem gentis com as meninas e fossem incentivados a escrever na parte de trás da medalha uma característica sua que ele identificava como importante para ser gentil com as meninas. Assim, de um lado da medalha, havia a frase: “Parabéns! Gentileza também é coisa de menino! Respeite as Meninas!” (ver figura 1) e; no outro lado, a criança escreveria ou desenharia, de acordo com suas singularidades.

Figura 1: imagem da medalha para a Oficina de Medalhas Respeito as Meninas.



Fonte: Gabriele Cunha da Silva (2026).

O interesse pelas medalhas foi tanto, que tivemos que fazer adaptações durante a Intervenção. Meninas e Meninos quiseram medalhas. Assim, foi necessário adequar os materiais, porque as meninas queriam escrever suas forças e colocar a medalha no pescoço, da mesma forma que os garotos.

Como trabalhamos com o protagonismo infantil e adolescente, garotas e garotos participaram dessa primeira oficina com muita animação, identificando características de si e sendo premiados/as com a medalha no pescoço.

Ao todo, foram 60 medalhas produzidas. Participaram da oficina pacientes do Hospital Beija-Flor, sendo a maioria crianças até 12 anos.

Ao final dessa Intervenção, entendemos que, ali, nascia a Oficina dos Superpoderes.

A metodologia que orientou esse Projeto Interventivo, assim como toda Universidade Brincante, foi a qualitativa, com delineamento de Pesquisa-Ação, que é um tipo de pesquisa e intervenção, no qual o ciclo: i) identificação do problema da comunidade; ii) planejamento da intervenção; iii) execução da intervenção e iv) avaliação da intervenção foi realizado completamente (Tripp, 2005; Sousa *et al.,* 2016).

ISSN: 2358-8829

Essa Oficina foi utilizada em outras ações no Hospital Beija Flor e até em outros espaços, como a Universidade, mas, como essa pesquisa se refere ao contexto hospitalar, vamos descrever, apenas, as Oficinas dos Super Poderes que aconteceram no hospital.

No dia 14/08/2026, foi realizada, novamente a Oficina dos Super Poderes, dessa vez, para homenagear os pais das crianças/adolescentes. Dessa vez, os/as pacientes do Hospital Beija-Flor foram incentivados/as a confeccionar medalhas que demonstrassem a força da figura paterna, que poderia, ali, no Hall do Hospital, ser representada por Pai, Avô, Tio, Cuidador e até pela própria Mãe, como aconteceu algumas vezes nessa oficina.

Novamente, as medalhas foram confeccionadas pelas crianças e adolescentes com apoio da equipe mediadora. Para as/os pacientes com mobilidade reduzida e/ou deficiência intelectual, as adequações foram necessárias de maneira que as crianças/adolescentes diziam o que gostariam na medalha ou apontavam e, assim, a medalha era confeccionada.

A figura 2 apresenta um exemplo de medalha feita no Dia dos Pais por um menino, que chamaremos de N. N é deficiente físico, tem 8 anos e é paciente do Hospital Beija-Flor.

Figura 2: exemplo de medalhas – frente e trás.



Fonte: Autoras (2026).

Em 05 de Outubro, para o Dia das Crianças, a Oficina dos Super Poderes foi novamente ofertada. Nesse dia, participaram da oficina, 75 crianças e adolescentes e, finalmente, esse dia, conseguimos realizá-la da forma como havíamos planejado. Cada participante foi incentivado a produzir sua medalha, pensando na sua força. Para isso, consideramos as forças da Psicologia Positiva. Com a ajuda da Inteligência Artificial da

ISSN: 2358-8829

ferramenta Busca do *Google*, conseguimos resumir as forças descritas por Peterson e Seligman (2004):

1. **Sabedoria e Conhecimento**

- **Criatividade:** Pensar em novas formas e ideias originais para fazer as coisas.
- **Curiosidade:** Interesse por toda a experiência e descoberta.
- **Julgamento / Pensamento crítico:** Analisar as coisas sob todos os ângulos e não tirar conclusões precipitadas.
- **Amor ao aprendizado:** Dominar novas habilidades, tópicos e conhecimentos.
- **Perspectiva / Sabedoria prática:** Ser capaz de dar conselhos sábios aos outr632os.

2. **Coragem**

- **Bravura / Braveria:** Não recuar diante de ameaças, desafios ou dor.
- **Perseverança:** Terminar o que começa e persistir apesar dos obstáculos.
- **Integridade / Autenticidade:** Agir com honestidade e apresentar-se de maneira genuína.
- **Vitalidade / Entusiasmo:** Viver a vida com empolgação, energia e vigor.

3. Humanidade

- **Amor:** Valorizar laços estreitos e afeto mútuo com as pessoas.
- **Bondade:** Fazer favores e boas ações para os outros.
- **Inteligência social:** Estar ciente dos motivos e sentimentos próprios e dos outros.

3. **Justiça**

- **Trabalho em equipe / Cidadania:** Trabalhar bem como membro de um grupo ou equipe.
- **Imparcialidade / Equidade:** Tratar todas as pessoas de forma igualitária baseando-se em regras de justiça.
- **Liderança:** Organizar atividades de grupo e garantir que aconteçam de forma harmoniosa.

5. Temperança

- **Perdão:** Dar uma segunda chance a quem errou e não ser vingativo.
- **Humildade / Modéstia:** Deixar que suas realizações falem por si mesmas, sem se considerar superior.
- **Prudência:** Ter cautela com suas escolhas e evitar riscos desnecessários.
- **Autorregulação / Autocontrole:** Disciplinar o que você sente e faz.

6. Transcendência

- **Apreciação da beleza e da excelência:** Notar e dar valor à beleza, habilidade ou ao desempenho extraordinário em várias áreas da vida.
- **Gratidão:** Estar ciente e agradecer pelas coisas boas que acontecem.
- **Esperança / Otimismo:** Esperar o melhor do futuro e trabalhar para alcançá-lo.
- **Humor:** Gostar de rir e de brincar; trazer sorrisos aos outros.
- **Espiritualidade / Fé / Propósito:** Ter crenças coerentes sobre o propósito e o sentido da vida.

Para utilizar as estratégias das forças com as/os participantes, nós conversávamos com elas e perguntávamos quais características elas mais apreciavam em si mesmas e qual ela queria retratar na medalha. Assim, as crianças falantes enunciavam seus desejos e elas mesmas faziam as medalhas. Aquelas que queriam escrever na medalha e não conseguiam, tinham nossa equipe de apoio.

As/Os participantes não falantes, nós conversávamos com a pessoa responsável por cada um/a. Assim, perguntávamos como aquela criança/adolescente era no dia a dia e, junto com a pessoa responsável, produzíamos as medalhas. Crianças/Adolescentes com paralisias, nós pedíamos permissão para o/a responsável para pegar a mão da criança/adolescente e fazer o desenho ou a escrita.

Muitas vezes, a criança e a/o adolescente enunciava o que queria ser ou o que entendia que era, então, em um lado da medalha, a criança/adolescente escrevia ou desenhava e, no outro, a gente colocava a força. Na figura 3, podemos perceber que um participante escreveu que quer ser desenhista. Então, a gente conversava com ele que uma força que ele tinha era a criatividade. Em outros momentos, ajudávamos as crianças a interpretar o que queriam que as pessoas entendessem dela a partir do desenho. Uma criança enunciou que queria que entendessem que ela era legal. Assim, incentivamos a criança a usar desenho e escrita.

Figura 3: apresenta imagem das medalhas dos Super Poderes feitas na Oficina.



Fonte: Autoras (2026), com autorização.

Categoria 2 - Inclusão

As narrativas dos diários evidenciam uma preocupação da equipe com a participação de cada sujeito na Oficina, sendo criança/adolescente. Essa preocupação vai desde a acessibilidade, por exemplo, recursos de tecnologia assistiva que possam

favorecer a participação; até o diálogo mediado com familiares para compreender a vontade da criança e do/a adolescente.

> *"A Oficina da Medalha deu certo! Hoje, atendi uma criança, na verdade, adolescente com paralisia cerebral. Os seus membros inferiores são rígidos, mas com a permissão da mãe, nós pegamos a mão dele, colocamos uma caneta e, com a ajuda dela, inclinamos a medalha para que ele pudesse fazer seu registro. Ele conseguiu fazer e percebi em sua expressão a alegria de ter participado da oficina. Ele abriu a boca, mostrando seus dentinhos tortos, enunciou um som gutural e fez um pequeno movimento de euforia com a cabeça. Conseguimos fazer nossos olhos se encontrarem e, então, coloquei a medalha no pescoço dele. Uma experiência para a vida!"* [Trecho de Diário da Pesquisadora 3].

Percebemos, ainda, um conteúdo muito relevante para esta categoria: as minorias sociais. Percebemos um cuidado da equipe, também, no planejamento, para considerar diferentes corpos, diferentes gêneros, diferentes raças/etnias, diferentes classes sociais, diferentes existências.

> "*Estamos aqui no LAPEC 2, preparando a Oficina das Medalhas. É a primeira vez que vamos ofertá-la. Nunca pensamos nessa oficina antes. Estou animada! Eu gosto muito de decoração. Criei uma arte que considera diferentes pessoas e coloquei na medalha [ver figura 1]. Estou muito entusiasmada. Espero que os meninos entendam que cuidar das mulheres também é um trabalho para eles, desde novinhos. Eu cortei mais de 50 rodelas de medalha. Vamos colar com cola de silicone e a fita, nós também vamos colar com cola, para ficar bonitinho. Eu me preocupo com a estética também!"* [Trecho de Diário da Pesquisadora 1].

Categoria 3: Dignidade em contextos hospitalares

A Oficina dos Super Poderes, nas narrativas e imagens, demonstrou o empenho da equipe com o protagonismo de cada participante. A expressão de vontade constitui elemento relevante de participação, sobretudo em contextos nos quais decisões e procedimentos costumam ser organizados principalmente por adultos/as em contexto de saúde. As crianças e os/as adolescentes, tanto nas narrativas quanto nas imagens, tendem a demonstrar manifestação de suas preferências.

> *"Foi engraçado hoje, na Oficina das Medalhas. Tinha uma criança batendo pega com o pai. A criança de cadeira de rodas. Ele, de vez em quando, parava, olhava para o espaço da oficina e continuava a interagir com o pai. Então, fui lá! Oi, tudo bem?! Eu me chamo Juliana e você? Eu me chamo N. E o senhor, qual*

> *seu nome? Olha, somos da UnB e estamos aqui para fazer a oficina das Medalhas hoje, com Super Poderes. Aí, olhei para a criança: você quer participar?! Inicialmente, ele negou. Então, eu o convidei para pintarmos um desenho juntos. Ele aceitou. Fomos colorindo o desenho: eu pintava uma parte; o pai outra e o N outra. De repente, ele me olhou e disse: quero fazer a medalha. Então, peguei a medalha e expliquei, vamos pensar no seu Papai. O que você quer contar para ele sobre ele. Que característica legal o seu Papai tem. Aí, ele me disse quero que você escreva aí: Papai eu te amo! Então, eu escrevi. Ele pegou a medalha e colocou no pescoço do pai. Passados alguns minutos, ele disse: Tia, essa medalha , eu quero que fique com você! Eu fiquei surpresa e, então, perguntei: e seu Papai? Vamos fazer outra para ele! E, assim, fizemos uma outra medalha, com o mesmo escrito e o desenho de N".* [Trecho de Diário da Pesquisadora 1].

A construção de uma medalha com imagem e qualidade escolhidas pelos/as participantes agrega uma dimensão simbólica à atividade. As expressões "eu te amo", ou mesmo a escrita do nome (ver figura 4) e de qualidades, como: "gentil", "corajosa" e "esperançosa" referem-se a atributos que não se confundem com diagnósticos ou procedimentos clínicos. A atividade, portanto, abriu uma oportunidade para comunicar algo sobre a pessoa a partir de suas próprias escolhas.

Ao oferecer um suporte de autoapresentação, a oficina dos Super Poderes, em medalha, pode ser interpretada como contraponto possível à redução de crianças e adolescentes à posição de pacientes.

Figura 4: Medalhas com nomes e desenhos.



Fonte: Autoras (2026).

Inclusão e dignidade: interpretação e limites

O reconhecimento do brincar, da expressão e da dignidade sustenta o valor público de atividades que criam condições para a participação infantil (Brasil, 1990; Organização das Nações Unidas, 1989). A inclusão, entretanto, envolve mais do que a simples oferta

de uma oficina: exige considerar acessibilidade, acolhimento das diferenças, possibilidade de recusa, adequação da mediação e participação em condições diversas (Caixeta *et al,* 2025).

A interpretação conjunta de Freire (1996), Goffman (1988) e Minayo (2014) acrescentam densidade à discussão. Freire (1996) ofereceu parâmetros éticos e pedagógicos para compreender a escuta; Goffman (1988) ajudou a problematizar o reconhecimento social das identidades e Minayo (2014) reforçou a atenção às experiências observadas e aos limites da interpretação qualitativa. Assim, a contribuição central da oficina situa-se na abertura de condições para brincar e expressar-se no cotidiano hospitalar (Diuana; Moreira, 2025; Caixeta *et al*., 2025)

A Oficina Super Poderes tem demonstrado potencial interventivo em Hall de Hospitais, considerando o público infantil e adolescente. Uma proposta que amplia a ação das crianças e das/os adolescentes, por poderem se expressar, escolhendo o que querem fazer, dentro das limitações do que a oficina propõe em termos de materiais e recursos humanos (Diuana; Moreira, 2025). Essa possibilidade de escolha e de decisão eleva as crianças e adolescentes ao posicionamento de sujeitos que atuam no ambiente e não de simples pacientes, que esperam, com paciência, o que o hospital tem a oferecer para elas e para eles (Lino *et al*., 2021). Isso porque a escuta atenta as reconhece e os reconhece como pessoas sabedoras de si e de suas vontades, ainda que, por algumas vezes, com limitações biológicas que podem ser compensadas com acessibilidade ou, como explica Vigotski (1995), por meio da interação social e de artefatos concretos que possibilitem a interação.

O respeito à dignidade emerge, justamente, dessa consideração da criança e do/a adolescente como sujeitos, humanos, singulares, capazes de protagonismo, mesmo em um ambiente de cuidados em saúde. Isso não significa que o hall tenha se tornado permanentemente ou plenamente acolhedor, mas evidencia outra forma de ocupação: uma forma educativa, que pensa na criança e no/a adolescente a partir de suas singularidades, e na certeza de que são sujeitos em pleno desenvolvimento. Por outro lado, a intervenção não desconsidera o contexto hospitalar; mas procura gerar espaços restaurativos (Kaplan; Kaplan, 1982), por meio de recursos e de mediações que se aproximam das formas de comunicação da infância e da adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Oficina Super Poderes evidencia a relevância de práticas educativas e brincantes em espaços de espera hospitalar. O engajamento e a expressão de vontades permitiram compreender a experiência como oportunidade de participação e de comunicação de atributos escolhidos por crianças e adolescentes. Sua importância está em reconhecer que o cuidado em saúde convive com a necessidades de brincadeira, expressão e acolhimento, dimensões indissociáveis do respeito aos direitos da infância e adolescência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

CAIXETA, J.E.; SOUSA, M. do A. de; SANTOS, P.F.; SILVA, R.L.J. da. (Orgs). Inclusão, Educação e Psicologia: mediações possíveis em diferentes espaços de aprendizagem. Campos de Goytacazes: Econtrografia, 2020.

CAIXETA, J.E.; SOUZA, J.D. S. de; VILANOVA, M.S. dos S.; SANTOS, C.R. dos; AGUIAR, E.E.V. de; FROTA, J.E.K.; GOMES, T.S.; FERREIRA, R. Universidade brincante em ... o hall do hospital. Anais XI Congresso Nacional de Educação... Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/135294>. Acesso em: 29/10/2026 17:53.

DIUANA, M.C.; MOREIRA, M.C.N. A Saúde de Crianças e Adolescentes com Condições Crônicas Complexas e a esperança: um ensaio teórico. Cien Saude Colet [periódico na internet] (2025/dez). [Citado em 09/11/2026]. Está disponível em: http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-saude-de-criancas-e-adolescentes-com-condicoes-cronicas-complexas-e-a-esperanca-um-ensaio-teorico/19876?id=19876.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

KAPLAN, S.; KAPLAN, R. (Orgs.). Humanscape: Environments for people. Ann Arbor, MI: Ulrich's Books, 1982.

LINO, T. B.; JACOB, L. R.; GALHEIGO, S. M. O adoecimento crônico e o tratamento pelo olhar do adolescente: considerações com base em uma história de vida. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 29, p. e2813, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos da Criança. Nova York: ONU, 1989.

PETERSON, Christopher; SELIGMAN, Martin E. P. Character strengths and virtues: a handbook and classification. Oxford: Oxford University Press; Washington, DC: American Psychological Association, 2004.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, L; LUCIO. M. del P B. Metodologia de Pesquisa 5. ed. Porto Alegre; Penso, 2013.

SOUSA, M. do A.; CAIXETA, J.E.; SANTOS, P. F. A metodologia qualitativa na promoção de contextos educacionais potencializadores de inclusão. Indagatio Didacta, v. 8, n. 3, p. 94 108, out. 2016.

SOUSA, Mauricéia Lopes Nascimento de; SILVA, Michele Duarte da. Projeto pensar grande: aulas de ciências desenvolvidas para classe hospitalar. **Ciências em Foco**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, 2019. Disponível em: https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/view/9903. Acesso em: 9 nov. 2026.

SOUSA, Mauricéia Lopes Nascimento de; SILVA, Michele Duarte da. Saúde e Educação: relatos da inclusão escolar de Eduardo. In: CAIXETA, J.E.; SOUSA, M. do A. de; SANTOS, P.F.; SILVA, R.L.J. da. (Orgs). Inclusão, Educação e Psicologia: mediações possíveis em diferentes espaços de aprendizagem. Campos de Goytacazes: Econtrografia, 2020, p. 131-152.

SOUZA, J.D.S. de; DOURADO, I.G.; CORREIA, T.G.; VILANOVA, M.S. dos S.; SILVA, L.B. da S.; CAIXETA, J.E. Universidade brincante: uma proposta de ação lúdica que favorece relacionamentos interpessoais.. Anais do X CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/112489>. Acesso em: 29/10/2026 17:45.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Decanato de Extensão. Universidade Brincante. Projeto de Extensão do PIBEX 2024 - SIGAA. Brasília: DEX, 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Decanato de Extensão. Universidade Brincante no Hall de Hospitais. Projeto de Extensão do PIBEX 2026 - SIGAA. Brasília: DEX, 2026.

VIGOTSKI, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Obras Completas – Tomo Cinco*: Fundamentos de Defectologia. Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022. 488 p